

DOIS POETAS CEARENSES

Artur Eduardo Benevides

A safra poética do Ceará, nos últimos meses, foi bastante numerosa, trazendo-nos apreciável quantidade de principiantes na arte poética, com as naturais omissões, limitações ou insuficiências técnicas, temáticas e imagísticas, sobretudo pela falta de contacto cultural de muitos autores com os grandes poetas do Brasil e do mundo. Houve, naturalmente, excelentes livros de poesia, mas a tônica, ou o aspecto preponderante, foi o lançamento de livros ainda não satisfatoriamente trabalhados, em que a inexperiência predominava. Mesmo assim, tivemos, entre os jovens poetas, algumas surpresas que nos fizeram acreditar nos destinos da poesia no Ceará.

A verdade é que a leitura da obra dos grandes mestres universais, como é o caso de Rilke, Hoelderlin, Saint-John Perse, T. S. Eliot, Octavio Paz, Leopold Sangnor e Ezra Pound e tantos outros, bem como dos mais altos poetas do Brasil, seja Drummond, seja Bandeira, seja Cassiano Ricardo, seja Augusto Frederico Schmidt ou esse estranho e imenso Jorge de Lima, o imortal autor de *Invenção de Orfeu*, é algo absolutamente indispensável para quem se dedica ao ofício poético, pois lhe concederá uma cosmovisão lírica e filosófica, ou metafísica, de larga abrangência, com benefícios claros e insofismáveis para a criação artística.

Por procederem assim, em sua brilhante carreira literária, destacam-se os poetas Caetano Ximenes Aragão e Diogo Fontenelle. Do primeiro tivemos, já com data de 1985, *Caetanias*, um longo e belo poema em que o social, em nenhum momento, resvala para o lugar-comum e a demagogia que tornam intoleráveis os poemas políticos, em geral. Do segun-

do, tivemos o álbum poético intitulado *O camelô das ruas*, com sugestivos desenhos de Mateus, numa experiência muito interessante, do ponto de vista do continente e conteúdo.

Diogo Fontenelle, poeta apegado nos temas ligados à infância, oferece os seus versos à "criança adormecida no coração de cada adulto", o que constitui um traçar de rumos desses cartões-postais líricos, em que tudo é bonito e, algumas vezes, tocante, por sua leveza e inocência. Logo de início, o poeta indaga, quase patético:

*"Por qual céu revoam os passarinhos de papel
entre fios de abril e sopros de sonho?"*

A simples alusão a esses "fios de abril" e a esses "sopros de sonho" já nos advertem para o fato de estarmos a ler alguém que possui, em verdade, autêntica linguagem poética. E o poeta prossegue, nos dezesseis cartões, a oferecer mágicas sugestões aos seus leitores, lembrando o "palhacinho que pula pelo cordel do céu", as cantigas de maio, o corcel que vai no luar que vem, a papoula dos ares, as tardes de flautim, as manhãs de clarim, os acrobatas, os piratas, a perda de alegria dos verdes anos, o cata-vento da quermesse, os velhos menestréis, os melões-de-são-caetano, os arcanos, os grumetes, os mantos de encanto, cousas assim, docemente poéticas e puras. E lembra o Tinhoso, o João-Teimoso e as histórias de Trancoso e nos inunda de infância e, de repente, o céu está azul, acima de nós, com mistérios e beleza.

Foi por isso que já escrevi ser o poeta Diogo Fontenelle o último anjo da Terra. Pessoas com a sua bondade, a sua fina educação e profundo senso poético são raras, hoje em dia. E ele é um dos melhores poetas de sua geração, com linguagem nobre e temática elevada.

O outro grande poeta que publicou livro, em Fortaleza, nos últimos tempos, foi Caetano Ximenes Aragão, que o mestre Braga Montenegro, pouco antes de morrer, afirmou ser um dos três maiores poetas do Ceará, completando a trilogia com Francisco Carvalho e comigo, o que me deixou envaidecido e feliz, partindo de quem partia o julgamento.

E a verdade é que, se vivo fora, o velho Braga, tão sisudo e exigente em matéria de literatura, estaria a cantar loas ao talento de Caetano, que se projeta cada vez mais nas letras da Província, alcançando, merecidamente, reconhecimento nacional.

O seu livro — *Caetánias* — é um longo poema de 1.837 linhas, em que ele diz cousas assim:

*“domador da besta-fera
e de todos os demônios
o poeta recompõe
o homem dilacerado
e canta o amor e a vida
e o sonho de liberdade”.*

O poeta faz de seu Canto um instrumento de luta contra o que há de podre e de ruim no mundo, como fizeram Castro Alves, Neruda e Garcia Lorca. Mas não perde, em nenhum momento, a linguagem poética, substituindo-a pelos chavões do discurso ideológico, já bastante cansados. É um poeta acima de tudo. E a poesia está acima da religião, de política, da economia, do Estado, de tudo. É um valor de grande espectro histórico e humano, transcendente e mágico, que exige de todos nós pelo menos bom gosto e dignidade de comportamento estético.

Por entender isso, Caetano é um grande poeta. Um poeta que escreve cousas assim, sob o título — “De Caetano a Caetano”, à página 55:

*“Meu pai
o vento bata em mim
e me encanta*

*Meu filho
o vento é o mistério
de teu próprio Canto”.*

É um poeta maduro, fiel, muito fiel, aos seus princípios filosóficos, respeitáveis, mas igualmente fiel — e quanto! — à própria poesia, a que serve com a mesma força com que já escreveu “O pastoreio da nuvem e da morte”, o “Romanceiro de Bárbara” (livro que infelizmente não possuo) e “Sangue de Palavra”, para nos dar agora os fortes, densos e belos versos de *Caetánias*, em que se exercita à vontade em sua arte, revelando a sua segurança técnica e a transparente luz de sua mensagem.

Ele sabe que a missão do poeta no mundo é de uma importância extraordinária:

*"só podia ser um poeta
quem chamou o amor de amor
nuvem de nuvem
mar de mar"*

mesmo sendo verdade que, em muitos momentos, como agora,

*"precisamos de palavras ásperas
lâminas de punhal cravadas
ferindo a voz de nossa fala
é o timbre de nosso grito".*

E, assim, com beleza e grandeza de imagens, Caetano Ximenes de Aragão prossegue em sua jornada poética, obtendo êxitos sucessivos que lhe garantem permanência na poesia cearense do nosso século. O que, em última análise, é muito bom para a poesia, a grande mãe das almas e dos tempos.